DUAS OU QUATRO QUESTÕES SOBRE A SELEÇÃO DOS ANALISTAS

Clarice Gatto

> [...]
> *Para aqueles que me seguem nesse caminho, mas que no entanto viessem a lamentar não terem uma qualificação repousante, ofereço como prometi, a outra via além de me deixar: que me ultrapassem no meu discurso até torná-lo obsoleto. Saberei enfim que ele não foi em vão."*
> [...]
> Jacques Lacan, *Discurso à E.F.P.*, 1967.

Lacan pronunciou o *Discurso à E.F.P* em 6 de dezembro de 1967 como resposta às críticas recebidas à sua *Proposição* (primeira versão) apresentada à comunidade da *Escola Freudiana de Paris* em 9 de outubro de 1967. Nesse texto, ele nos propõe um outro princípio para "a seleção" dos analistas no âmbito de sua Escola. Retomo, especialmente a leitura desses dois textos para refletir sobre *as garantias* - escritas por ele no plural - a partir do princípio fundamental que governou sua Escola.

Lacan havia trabalhado o seminário "A lógica da fantasia" durante o ano de 1967, cuja primeira aula foi em 16 de novembro de 1966. Sua *Proposição* é gerada no âmbito de uma reflexão fecunda sobre a lógica da "significação de verdade" que a "fantasia" (*fantasme*) como "proposição significante" articula às demais proposições do sujeito ante

o *mais-de-gozar*. Em novembro de 1967, ele inicia o seminário "O ato psicanalítico" (1967-68), cuja interrogação pretendia verificar esse momento e a posição do analista na história do sujeito. O *Discurso à EFP* é por sua vez concomitante aos textos "O engano do sujeito suposto saber", "De Roma 53 a Roma 67: A psicanálise. Razão de um insucesso", "Da psicanálise em suas relações com a realidade".

É bom lembrar que de janeiro de 1964 - período imediatamente posterior à decisão da Sociedade Francesa de Psicanálise de que "o Dr. Lacan não era reconhecido como analista didata" -, até essa data (1967), ele lecionou quatro seminários importantes e publicou seus *Escritos* (Seuil, 1966). É nesse período fecundo, torno a repetir, que ele decide propor algo novo para o funcionamento da comunidade da Escola de Psicanálise à qual pertencia: o testemunho do passe. (Lacan não usa a expressão foucaultiana "dispositivo" para falar do passe, apesar de criar as condições de possibilidade para que esse pudesse acontecer.)

É portanto no calor da emoção que ele escreve. Por meio de seus ditos e escritos podemos acompanhar essa aventura. Ele se move na massa que o acompanha causada por seu ensino. (Embora muitas vezes essa massa tenha querido lhe fazer calar: ora não o deixando permanecer, ora simplesmente o abandonando). Escreve, talvez, para proclamar que o "eclipse do saber" cria dificuldades de se manter acesa a chama do trabalho da Psicanálise entre aqueles que reclamam por seu ensino, sua prática e sua novidade. Escreve, certamente, para que possamos lê-lo ainda hoje e nos encontrarmos de novo nos embaraços que outrora atravessaram seu caminho. De novo, porque passar por seus significantes não é sem conseqüências para nós.

"Tinha uma pedra no meio do caminho..." escreve nosso poeta maior, mas Lacan, como diz nesse texto, era poema.

Então, como lê-lo?

Como ler "lacanianamente" Lacan? Há algo aqui já em esboço que ele só irá formalizar depois ("crer encontrar os truques transmissíveis")? Como recolher de seu ensino isso que *não cessa de se escrever*? O *odioamoroso*, a função lógica da pressa, a causa, um desejo inédito, o *mais-de-gozar* e tantos algos...

Essa "pressa", talvez um desses algos, que nunca cessa de se escrever... e ele dizia e repetia a *função lógica da pressa - h(a)te* - porque inclui o objeto pequeno *a causa* de desejo no âmbito da coletividade. É importante nos lembrarmos, nesse momento, desse texto de 1949, *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* sempre retomado por ele. Hoje, porém, utilizado mais como referência às modalidades do

tempo na "travessia da fantasia" em uma análise (tecnicamente falando), e freqüentemente descontextualizado da referência à coletividade, razão da interpretação do apólogo dos três prisioneiros por Lacan. Ou seja, a instituição do sujeito para Lacan, para Freud, e acredito que para nós, passa por essa *dritte Person* que a coletividade *faz-de-conta.* (Lugar também ocupado pelo psicanalista. "O analista não é o único", informa-nos Lacan. "Ele faz parte de um grupo, de uma massa no sentido que tem esse termo no artigo de Freud, *Massenpsychologie und Ich-Analyse.*", 1921)

A pressa destituída de sua função lógica serve-nos apenas para distinguir o "narcisismo das pequenas diferenças" (Freud) - freqüentemente presente no discurso dos que dizem o "meu" desejo, ao qual Lacan atribuía uma análise possível -, da noção de *desejo do analista* a qual dizia "que não se trata de modo algum de analisar..." e nem de "teorizar senão por dever fazer o desejo do sujeito como desejo do grande-outro, ou seja fazer-se causa desse desejo." (*Discurso à E.F.P.*) Se na primeira situação "... o objeto *a causa* de desejo, "por estar à mercê do grande-outro, portanto angustia na ocasião, reveste-se contrafobicamente com a autonomia do eu, como faz o bernardo-eremita com qualquer carapaça"; na outra é a *causa* elevada à dignidade de Coisa (*Ding*) de onde 'algo' pode ser recolhido para contornar - seja lá o que for que nos *afeta* na discórdia - o mal-estar, a angústia, a dor ou ardor. Portanto, são posições muito diversas e as conseqüências que se podem tirar também.

"A espera de Lacan" durante o processo de julgamento e segregação de seu ensino na SFP até o instante em que escolheu sair, demarca essa *função lógica da pressa*, sobretudo pelo que veio logo em seguida: a Escola como um *desejo inédito* - compartilhado? ou compartilhada? por muitos outros. Eis aí a *equivocidade* para onde Lacan sempre nos leva.

Um princípio ético de Lacan

Lacan na *Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris* em 21 de junho de 1964 escreve um princípio ético que ele sustentará até o fim de seu ensino: "O analista só se autoriza dele mesmo". "O" princípio fundamental, como há no tratamento a regra fundamental", lembra-nos Marc Strauss. Mesmo quando essa fórmula foi estendida por Lacan posteriormente para "O analista só se autoriza dele mesmo e de alguns outros", mantém-se esse princípio ético, sendo a extensão numérica "a alguns outros" o que caracteriza o estatuto lógico dessa autorização.

Em *O início do tratamento*, 1913, Freud diz que a decisão de aceitar

ou não a demanda de análise de alguém para 'iniciar a psicanálise' é obra do psicanalista, seu ato -, e depois de decidido restava ao psicanalista se colocar na via da "exploração do inconsciente".

Porém, como testemunhar o final de uma psicanálise que foi um dia iniciada? Qual o interesse em dizê-lo? Em publicar seus truques? O que nos interessa na trajetória de uma análise de colegas e/ou de nossos próprios analisantes?

Essas perguntas também foram formuladas por Freud em diversos momentos de sua obra e pelos analistas de sua geração. Sobretudo porque as análises tornavam-se cada vez mais longas... Para ele, depois da longa caminhada, esse fim se resume ao reconhecimento dos efeitos das formações do inconsciente na vida cotidiana. Ele entendia que as análises são sempre parciais e que, portanto seria necessário de tempos em tempos retornar a elas. Porém, essa afirmação freudiana não se constituiu como campo de investigação. O debate no campo freudiano propriamente dito passou a girar em torno do final da análise e da pergunta "o que é um analista".

A solução da IPA que supomos conhecer, é a identificação com o analista. Suponho que ninguém imagina que seja uma identificação com a pessoa do analista, isso seria por demasiado ingênuo! Portanto, supondo saber "o que é um analista" alguém que foi psicanalisante e se candidatou a ser um psicanalista poderá tranqüilamente ocupar de novo esse lugar. E os correligionários da IPA e Cia. passaram literalmente a ocupar o lugar do analista. Lacan, porém, *desmente* essa possibilidade. Em sua interpretação memorável do desejo de Freud ele assinala que esse lugar, originariamente ocupado por Freud, será uma interpretação de cada analista.

Ao dizer isso, evidentemente que Lacan experimentará na carne a própria "destituição subjetiva" do lugar de didata que ocupava na SFP, pois ele não aceitava ceder às demandas dos psicanalistas quanto à direção do tratamento, criada no que ele sobretudo se fiava: sua experiência psicanalítica e seu "retorno a Freud" . Ele insistia em falar disso, porém as portas se fecharam! Mas se elas se fecham é porque há portas...

Após meia década, já em sua *École*, Lacan encontra os mesmos problemas que outrora criticara na SFP. Ele percebe que já não há novidade nos enunciados e enunciações entre os psicanalistas de sua Escola e ele identifica os mais diversos interesses - institucionais, políticos-partidários - permeando os finais das análises, até porque sabia que sua Escola não estaria impune às negociações que impõem o convívio entre os humanos!

Então na *Proposição de 9 de outubro de 1967* Lacan incita-nos

a darmos provas (*épreuve*) de uma experiência - a da "destituição subjetiva" -, a testemunharmos uma passagem - a do *des-ser*. Tributárias do *ato analítico*, essas vivências apresentam-se para nós por meio de diversas dimensões, propiciando "... a volta a mais, na duplicação que nos permite aí engendrar o desejo do psicanalista." (*Proposição de 9 de outubro de 1967*).

Lembremos de Freud quando já em 1916, nas conferências introdutórias, 27, *A transferência*, e 28, *A terapia analítica*, retoma algumas interrogações acerca do *saber do analista*. Ele diz que sai de cena o interesse pela psicanálise enquanto uma prática e sua ciência e entram em cena interrogações acerca do lugar subversivo aberto pelos *atos* da experiência psicanalítica.

O que significa dizer que já estavam em questão mesmo antes da difusão da Psicanálise "os atos" que essa experiência, a psicanalítica, evoca.

Por que será que Lacan em sua *Proposição* chama-nos, justamente, a testemunhar sobre o *tempo* do ato analítico?

Como transmitir algo, então, sobre as conseqüências tiradas do ato analítico? Será que Lacan queria saber como se faz um analista? Ou como se faz uma análise? As *performances* entre os parceiros da cena analítica? Provavelmente, não! Sua teoria do sujeito revela-nos que não há um significante que possa dizer o que é o ser do sujeito, apenas representá-lo. Isso vale também para o "um" analista. Talvez Lacan quisesse saber se "houve análise", mas isso é outra coisa.

A *Proposição* de Lacan, formulada dessa forma, abria a possibilidade para que qualquer pessoa que demandasse uma análise, e chegasse a seu final, pudesse transmitir algo. Essa era, então, a sua invenção. Nessa perspectiva, qualquer pessoa que julgasse ter concluído sua análise poderia vir a dizer algo desse momento, mesmo aqueles que não praticam a Psicanálise, e que ele denominou, por falta de um significante que possa dizê-los, de não-analistas, com a barra da negação.

Esse foi o princípio ético mantido por Lacan até o fim de seu ensino: propor e garantir a todos sem distinção o direito de dizê-lo.

2. Que garantias queremos?

Lacan abre a *Proposição de 9 de outubro de 1967* escrevendo "Trata-se de fundar num estatuto bastante durável, para ser submetido à experiência, *as garantias* com que nossa Escola poderia autorizar, por sua formação, um psicanalista - e a partir de então responder por ele."

Poderíamos nos perguntar "que garantias queremos" em uma Escola de Psicanálise?

Diversas foram as propostas de Lacan ao longo de seu ensino.

Demarco algumas: no "Preâmbulo" da *Ata de Fundação da E.F.P.* ele assinala *a Escola como um lugar de refúgio*, e até de bases de operação, *contra o mal-estar na civilização*. O *cartel*, esse pequeno grupo de trabalho, com seu estilo próprio de estudo, permitindo descompletar o agrupamento no âmbito da Escola. As *demandas de análises* e suas vicissitudes: sessões clínicas, formação do analista, final de análise. O *testemunho do passe* por sua particularidade possibilitando descompletar o conjunto da *Comunidade analítica*. A história cronológica da psicanálise *versus* o movimento psicanalítico e o modo de se lidar com as rupturas no coração das instituições de Psicanálise. A *permutação* como requisito fundamental para o funcionamento hierárquico da política organizacional da Escola. A presentificação da psicanálise no mundo por meio do confronto com outros campos de saberes. Há outras, certamente.

As garantias no âmbito da Escola:

4. Acolher o ato psicanalítico, por intermédio da invenção de um espaço que garanta que haja testemunhos dessa passagem.

"É por isso que aliás é somente a partir do ato psicanalítico que é preciso situar o que articulo como desejo-do-analista..." (*Discurso à EFP*) "A Escola pode testemunhar que o psicanalista nessa iniciativa [de sua autonomia] traz uma garantia de formação suficiente." (*Proposição*) Ou, dito de outro modo, "minha Proposição é interessar-se pelo passe, onde o ato (analítico) poderia ser apreendido no tempo em que se produz." (*Discurso à EFP*)

"O ato [psicanalítico] é por sua própria dimensão *um dizer*. O ato diz algo". (Lacan, *O ato psicanalítico*, aula de 17-1-1968.)

"... o sujeito no passe, no momento do ato analítico nada sabe a seu respeito. Isso justamente porque ele tornou a verdade desse saber, se posso dizer assim, uma verdade que é atingida "não sem saber" (*pas sans le savoir*), como dizia há pouco..., bem é incurável: somos esta verdade." (*O ato psicanalítico*, aula de 10-1-1968.)

Na *Proposição* a *admissão à Escola* deve girar em torno da função do saber na "lógica da fantasia" a propósito do passe. Ele escreve...

"É nessa linha que se coloca a lógica da fantasia. A lógica do analista é o "*agalma*, que se integra à fantasia radical que o psicanalisante

constrói. Essa ordenação da ordem do saber em função no processo analítico, é em torno disso que deve girar *a admissão à Escola.* Ela implica todo o tipo de aparelhos - cuja alma deve ser buscada nas funções já delegadas no Diretório - Ensino, Direção de trabalhos, Publicação."

Lacan, então, se pergunta "Não é algo que nós só poderíamos enunciar entre nós? Não seria isso suficiente para espalhar o pânico, o horror, a maldição, ou mesmo o atentado? E em todo o caso para justificar as aversões prejudiciais à entrada na psicanálise?"

Aí, sua proposição desdobra-se e ele propõe novamente, eis as conseqüências de seu ato.

5. Acolher a *psicanálise em intensão.*

Ele escreve "Designar unicamente na *psicanálise em intensão* a iniciativa possível de um novo modo de acesso do psicanalista a uma *garantia coletiva.*" (*Proposição*)

Essa *garantia coletiva* define-se pelo lugar conferido às *experiências* e às vicissitudes que nos implica dizer ou escrever a partir dela. "O que importa é que elas não podem se sustentar em seu sucesso presente sem um apoio certo no *real* da *experiência psicanalítica.* É preciso pois interrogar esse real para saber como ele conduz ao seu próprio desconhecimento, ou até mesmo produz sua negação sistemática." E Lacan prossegue dizendo que o *feed-back* desviante só pode ser detectado pela via da *psicanálise em inten(s)ão.* (*Proposição.*)

O *real,* Lacan o demarca, é *contingente.*

A garantia fora da Escola:

6. Presentificar a Psicanálise no mundo pela *psicanálise em extensão.*

"Ela provém dos motivos da competição social. Isso não querendo dizer que considerar a psicanálise em extensão - ou seja os interesses, a pesquisa, a ideologia que ela acumula, não seja necessário à crítica das sociedades tal como sustentam essa garantia fora da nossa Escola, (não seja necessário) à orientação a ser dada a uma Escola nova." (*Proposição*)

Lacan propõe então: simbólico, imaginário e real.

Simbólico: pelo ensinamento oral ou escrito de um saber referencial (mito edípico) endereçado a um público escolhido ou anônimo. (Lacan faz aqui uma observação importante quando nos diz "retirem o Édipo e a Psicanálise em extensão, direi, cai totalmente na jurisdição do delírio do

presidente Schereber.) *Imaginário:* constituído pelo 'corpo social' da Escola analítica em escala internacional! *Real*: pela presença física do analista na sociedade de hoje, onde esse saber *real* que é "A" ciência, desde o século XVII, em seus efeitos de "recomposição dos agrupamentos sociais" cada vez mais duros dos processos de segregação: na escola, na medicina, na política, na economia, na religião, etc. O psicanalista por sua *atopia* - que não é seu isolamento - não conforta essas identificações segregativas: médico/doente, sagrado/profano, sábio/ignorante, adulto/criança, imigrante/paraíba, judeu/pagão, patrão/operário, etc.

3. Duas ou quatro questões sobre "a seleção" dos analistas

Primeira questão: a passagem do psicanalisante a analista

Na *Proposição*, Lacan escreve "A psicanálise mostra em seu final uma ingenuidade que permite indagar se podemos colocá-la no nível de garantia na passagem do *desejo de ser psicanalista* (*désir d'être psychanalyste*).

Passagem que está articulada ao testemunho sobre o momento em que um psicanalisante se autoriza analista, e se restringia a falar da análise (*Proposição*, 2ª versão). Porém na *Nota aos Italianos*, 1973, Lacan esclarece "é esta a condição pela qual, por algum lado de suas aventuras, o analista deve levar a marca. Cabe aos seus congêneres "saber" encontrá-las. Salta aos olhos que isso supõe um outro saber elaborado anteriormente, do qual o saber científico forneceu o modelo, e carrega a responsabilidade. É a mesma que eu lhe imputo de ter, somente aos *dejetos da douta ignorância*, transmitido um *desejo inédito*. Que se trata de verificar: para fazer analista." (*Inédito* é aquilo que não foi publicado ou impresso, nunca visto; original; incomum.)

No final da *Nota* Lacan demarca "tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados."

No *posfácio* de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1973, Lacan escreve "Mas a *função do escrito* não constitui então o catálogo, mas a via mesma da estrada de ferro. E o objeto (a), tal como escrevo, ele é o trilho por onde chega ao *mais-de-gozar* o de que se habita, mesmo se abriga a demanda a interpretar." (JZE, 1979)

O que nos convoca pela via do trabalho "entre" os pares de campo ainda que plurais em nossas ações! O trabalho em Psicanálise posso resumi-lo: *trabalho do sonho, trabalho do Witz, a exigência de trabalho da pulsão, trabalho do luto* e a *Durcharbeiten*, esse significante

freudiano que só posso tomá-lo assemanticamente.

Hannah Arendt no capítulo "A fragilidade dos negócios humanos", no livro *A condição humana*, 1958, nos lembra que "Ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir."

Segunda questão: "o passe não tem nada a ver com a análise"

Em *Sobre a Experiência do passe*, 3 de novembro de 1973, Lacan escreve "É uma experiência radicalmente nova que nós instituímos, pois o passe não tem nada a ver com a análise."

Na *Proposição*, Lacan havia dito "Creio já ter dito sobre isso, para que se entenda que não se trata de modo algum de analisar o desejo do psicanalista."

Jairo Gerbase em seu texto "Passe sob transferência - o desejo do analista" retoma Lacan para demarcar que o desejo do analista é um *veut-dire*, um *querer-dizer*. Servindo-me dessa observação retomo a leitura que faz Lacan da *Versagung* de Freud, no seminário 8, *A transferência*, a propósito de *Sygne de Coûfontaine* (de Paul Claudel) para refletir sobre o que marca esse desejo, que não é de modo algum o desejo puro de *Antígona*, ainda que seja o desejo da mais pura diferença...

Terceira questão: "a *Versagung* do analista"

A *Versagung* é um *dizer não* que se articula, para Lacan, a um lugar vazio no simbólico e ao branco no imaginário. Duas faltas que não se recobrem jamais, comenta Danièle Arnoux. O lugar do analista na **transferência** será comandado, então, por essa estrutura.

Não estaria aí o segredo, 'o nascimento', do *desejo do analista...*?

"Em outras palavras nós, analistas, operamos apenas - e quem não sabe disso? - no registro da *Versagung*".

"Dizer não" à *demanda de amor* porém acolhendo-a... Dizer não, inclusive, à demanda da "instituição psicanalítica" que "deseja saber" sobre "o impossível da relação sexual" materializado nas *performances* pessoais entre analistas e analisantes.

Lembro-me do momento do passe vivido em minha análise. Fecundo momento de reconhecimento da castração simbólica no ato que faz perder as vestes imaginárias, "o desvelamento nu e cru da 'estrutura do fantasma' e de sua relação com o real na história do sujeito" (Lacan, O seminário d'

Angústia, aula de 19-12-1962), cujas conseqüências *quer dizer...* ante o que "nada se sabe" no momento do ato estava *o que isso vai dar...* a dimensão da aposta!

Na *Proposição* Lacan demarca a importância entre *o que se recusa* e *o que se admite* considerar devendo ser sabido. "O não-saber não é por modéstia, o que ainda é situar-se em relação a si-mesmo; ele é propriamente a produção "em reserva" da estrutura do único saber oportuno."

Não estaria aqui a dimensão propriamente Ética de *tornar-se bem-dito o mal-dito*? (*Télévision*, 1973.) O uso que faremos desse "de tudo fica um pouco"? Resto inominável... que nos conduz a uma *dobra* impossível, seja por conta do "recalcamento originário" (*Urverdrängung*) em que experimentamos o quanto é impossível dizermos tudo, pois é próprio da estrutura da linguagem a pluralidade de sentidos; seja porque é "impossível reconhecermos" (*Unerkannt*) o que aí está realmente implicado, pois há uma falha, uma *fissura*, nesse saber inconsciente, 'algo' faz objeção, descompletando a cadeia significante...

Em *Joyce le sinthome* Lacan ilustra esse momento com o "equívoco significante" - aquele por onde versa a castração... Ele escreve "saint homme de père" (*sinthome*) aquele que nomeia. Mas nomeia o quê? O instante em que Joyce se experimenta "objeto causa de desejo" ...

Esse momento memorável, que também pode acontecer em uma análise, *voilá le choix*! que permite ou não articular o *sinthome* - "a cisão do eu e a fantasia" (Freud), ou se quisermos, "o ego e o *a*, *mais-gozar*" (Lacan). Momento *atemporal*, que se conjuga no *futuro do pretérito* e variado em sua duração caso a caso, até concluir.

Freud na *Revisão da ciência do sonho* nos faz lembrar "A teoria dos sonhos é [...] o mais característico e singular de nossa jovem ciência; algo ímpar no acervo geral de nosso saber [...] a estranheza das principais significações que ela precisou apresentar emprestou a ela o papel de uma *Schibboleth* [*palavra de passe*] cujo emprego decidiu quem poderia se tornar um adepto da psicanálise e a quem ela permaneceria definitivamente incompreensível. [...]. Sempre que eu começava a duvidar da exatidão de meus vacilantes conhecimentos cada vez que lograva referir um sonho absurdo e embrulhado no sujeito, se renovava minha confiança de encontrar-me em bom caminho." (*Conf. 29.*)

Nessa perspectiva, o espaço aberto para o "testemunho do passe" por uma Escola de psicanálise tributária do CAMPO LACANIANO deve questionar o querer, de saída, admitir qualificar "se" o passe deve ser "de entrada" na Escola (?) ou "de final de análise" (AE). À Escola cabe

fazer sua oferta na acolhida do tempo do ato analítico, e a garantia que virá é conseqüência caso a caso. Assim, como não há grande-outro do grande-outro, não há também garantia da garantia!

Caso contrário, correremos o risco de tornar "universal", ou para todos, o que por definição é "não-toda", como observou Ana Laura Prates em seu trabalho "A Escola não-toda ou a garantia gratuita".

Porém, creio ser necessário retomarmos uma reflexão importante sobre a estrutura do ATO ANALÍTICO. Tenho dúvidas se o ATO está do lado do contingente... Poderemos cair na mesma armadilha anterior apenas deslocando o problema: "agora trata-se de saber se houve ato analítico"!?

ATO haverá sempre, "está escrito", e Lacan repetiu isso inúmeras vezes tirando diversas conseqüências em seu ensino. O que demarca sua importância e seu interesse para a Psicanálise são justamente as conseqüências que se podem ou não tirar de um ATO, ou *o que isso vai dar*... inibição, sintoma, angústia ou embaraço, comoção, perplexidade... Freud, aliás, não parou de escrever as modalidades do ato, ainda que Lacan tenha se interessado em formalizá-lo.

Arrisco em levantar uma questão: não estaria o ATO ANALITICO, na lógica dos quantificadores utilizada por Lacan, na modalidade de negação "*possível*"? (As outras sendo: o impossível, o contingente e o necessário, *Encore*, Seuil, 1975.)

O *possível em análise*, em que "por um instante o Falo, reservado nos tempos antigos aos Mistérios (de iniciação de Elêusis), parou de não se escrever. Nada mais." (*Encore*). Lacan nos diz que ele, o Falo, não entrou no *não pára* (de se escrever), no campo do qual depende a necessidade, por uma parte e, por outra, a impossibilidade. Nesse instante, existiria uma parada da *função do tempo* assinala Lacan. Porém, o que é essa parada da função do tempo: do tempo do verbo, da ação, falta fálica, *Verwerfung* edipiana, *Spaltung* do sujeito? O que é? "Se onde não está, ele pensa, se onde ele não pensa, está, é precisamente porque está nos dois lugares" (*O avesso da psicanálise*) em que algo do *real* torna-se contingente e, pela via amorosa do necessário, "se escreve" para o sujeito. Alguns autores apontam, aqui, para algo em torno de um "ter de se escrever, um dever-ser, caso contrário, é a psicose".

Daí, certamente a preocupação de Lacan em distinguir a *práxis* psicanalítica das terapêuticas.

Quarta questão: Como então nos servirmos dos *dejetos* da douta ignorância...?

Lacan propõe a Escrita, a Publicação, os Trabalhos...

Um *agrupamento* sustentado do saber no real da experiência psicanalítica e das vicissitudes que implica os ditos e escritos? O que nos isolaria dos motivos da competição social? Um agrupamento, *in initio*, submetido ao significante?

Testemunhamos isso entre nós, durante esse primeiro ano de existência: nossas segregaçõeszinhas, nossos desafetos, nossas arengas, nossos pequenos narcisismos - públicos e/ou privados -, nossas discordâncias ou o tal "*não é*" isso, nossas disputas, desenganos, ciúmes... ou coisa que o valha... demasiadamente humanas!

A "Associação" vindo simbolizar alguma coisa *só-depois*?

Seria essa nossa dura prova (*épreuve*) ao pretendermos fazer Escola de Psicanálise?

Daí uma *Comunidade analítica* nova para a Psicanálise, uma Escola como lugar que se ensina a partir da própria experiência psicanalítica sobre "a" seleção dos analistas?

Sustentaremos...? Estaremos à altura...?

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1999.